

Caindo para alguns governadores brasileiros, e também para alguns funcionários do governo norte-americano citados pelo *Wall Street Journal* de ontem, o ministro Dílson Funaro se defende: o plano econômico do Brasil "é bom, o Banco Mundial gostou dele e vai mandar uma missão reestudar os refinanciamentos brasileiros já na semana que vem".

Será verdade mesmo? — perguntou-se ao presidente do Banco Mundial, Barber Conable. E ele respondeu:

— Tudo que concordamos fazer foi mandar uma missão ao Brasil, na próxima semana, para estudar o programa (brasileiro, anunciado antes da partida do ministro Funaro do Brasil, e aqui distribuído em livrinhos amarelos, apelidados de "Livro de Ouro"). Nossa impressão é positiva sobre o Brasil, e estamos otimistas: algo poderá ser feito. Estamos satisfeitos de podermos ter estas discussões com o Brasil.

Barber Conable acabava de deixar a reunião em que o ministro Dílson Funaro discursara em nome de um grupo de países latino-americanos. Tinha acabado de ouvir os demorados aplausos ao homem quase acusado na edição matinal do *Wall Street Journal* de estar politizando o problema da dívida internacional, ao rejeitar qualquer supervisão internacional da economia brasileira. E mais: que "se não houver uma mudança para uma política econômica ortodoxa (no Brasil), haverá uma mudança de ministro seguido da adoção de plano econômico ortodoxo", segundo uma fonte do governo norte-americano.

— O Banco Mundial interrompeu seu programa de empréstimo ao Brasil?

Barber Conable continuou sendo entrevistado, e respondeu:

— Nós temos um programa com o Brasil, e ele está sendo executado.

— Alguma limitação?

— Nós esperamos pela clarificação do programa com relação aos empréstimos para ajustamento estrutural. E isto será resolvido pela missão que irá ao Brasil na semana que vem. Nós temos uma larga linha de projetos com o Brasil que continuamos a processar.

Barber Conable ia se afastando, quando foi questionado sobre a decisão do ministro Funaro de não discutir o plano econômico do Brasil fora do País. Ele demorou a responder, mas disse:

— Eu respeito a decisão do Brasil de não fazer política fora do Brasil, neste momento.

O aval de Barber Conable foi aproveitado ao máximo pelo ministro Funaro, em seu encontro com a imprensa, depois do primeiro discurso de ontem ao Comitê Interino do FMI, representando países latino-americanos. Falando a uma tevê mexicana, ele repetiria que o plano é bom, que o Banco Mundial o apoiou e que, agora, provavel-



Funaro e o argentino Sourrouille: atacando os credores.

Brasil procura aval do Banco Mundial

Funaro pretende com isso mudar a opinião dos credores.

mente, os bancos privados passarão a considerá-lo com novos olhos.

— Os bancos privados vêm depois, logo em seguida — ele afirmou, sem dúvidas, acrescentando: "Se o Banco Mundial achou o plano competente, capaz, os bancos particulares certamente o discutirão. Mas não posso falar em nome de 800 bancos".

Pelo menos de alguns deles, não. A informação de que vários bancos estão encurtando a maturidade de empréstimos e elvando juros em créditos de curto prazo, dada ao *Wall Street Journal* pelo presidente do Banco Central, Francisco Gros, que está em Washington desenvolvendo negociações paralelas à reunião do FMI, foi confirmada

por uma fonte da comitiva do ministro Funaro a repórteres brasileiros, ontem à tarde. As perspectivas são até piores, se o ministro Funaro não ceder em sua posição de não discutir a política econômica do Brasil no exterior: "Haverá uma pressão muito forte, no mês que vem, sobre US\$ 5 bilhões de créditos interbancários", prevêem os dois repórteres que assinam o artigo do *Wall Street Journal*.

Que plano é este que o Banco Mundial está apoiando e com o qual o ministro Funaro contra-atacou a ofensiva desencadeada contra ele, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Esta foi exatamente uma pergunta que lhe foi feita.

— Todo o problema do crescimento brasileiro, do refinanciamento brasileiro, e de todos os problemas que normalmente tem um país fazendo seus ajustes para continuar crescendo e respondendo aos anseios da sociedade.

Gherhard Stoltenberg, o ministro de Finanças alemão que considerou ser o problema da dívida mundial o assunto mais importante desta reunião do FMI, em Washington, "achou que o Brasil ainda não tem um plano", disse um repórter ao ministro Funaro, e poderia ter citado vários banqueiros americanos que disseram o mesmo desde o começo da semana, quando "o livro de ouro" do Brasil começou a circular, em NY.

— O ministro Stoltenberg não tinha nem recebido o plano brasileiro. Falei com ele durante a reunião, e vou apresentar o plano para que ele possa realmente estudá-lo. O plano brasileiro mostra claramente a intenção do Brasil em negociar os refinanciamentos internacionais. Os problemas domésticos são nossos. Não estamos discutindo os problemas domésticos de outras nações. O Brasil tem pago muito. Pagou US\$ 24 bilhões nos últimos dois anos.

O ministro Funaro esteve duas vezes, ontem, com o secretário do Tesouro norte-americano, James Baker. Na primeira, a conversa foi a sós, e dela nada transpirou até as 19 horas. Funaro, que tinha marcado um encontro com a imprensa brasileira, entre 16 e 17 horas, não apareceu. A segunda reunião já contou com a presença de outros ministros, como o da Argentina, da Venezuela, e do México, para continuar uma discussão iniciada em Miami, recentemente, sobre o desejo dos Estados Unidos de só contribuírem mais com o Banco Interamericano de Desenvolvimento, o BID, caso tenham em troca o poder de veto sobre o destino dos empréstimos.

Funaro adverte

Em seu primeiro discurso pronunciado pela manhã, no Comitê Interino do FMI (veja a íntegra abaixo do segundo discurso, feito à tarde), o ministro Funaro disse que o futuro imediato dos países em desenvolvimento não pode ser aguardado com otimismo. "Se a atual situação não for revertida, ocorrerá uma deterioração maior para as perspectivas econômica e social da maioria dos países em desenvolvimento."

Em outro momento, concluiu: "Não é mais possível esperar por maiores taxas de crescimento nos países industrializados, por uma redução no protecionismo, por melhorias em termos de comércio e por um aumento no nível de financiamentos. Chegou o tempo de começar um diálogo construtivo entre países industriais e em desenvolvimento para apressar uma necessária política de correções nas economias mundiais e, ao mesmo tempo, adotar um mecanismo efetivo em apoio a ajustamentos e crescimento dos países em desenvolvimento".

Para o secretário do Tesouro norte-americano, James A. Baker, que também discursou duas vezes ontem, "a estratégia", para enfrentar o problema da dívida "está trabalhando" e "progressos substanciais estão sendo obtidos para reforçá-la", embora "muito mais pode e deve ser feito". Como em seus últimos discursos, James Baker só relutantemente mencionou o Brasil diretamente, apenas para dizer que ele talvez peça novos empréstimos em 1987. Mas o Brasil pode ser detectado em quase todos os parágrafos que falam da dívida dos países em desenvolvimento.

Moisés Rabinovici, de Washington.